

A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NA ESCOLHA DE TEMAS DE PESQUISA: UMA ANÁLISE BOURDIEUSIANA

Palavras-Chave: ENSINO SUPERIOR; CAPITAL SIMBÓLICO; MARCADORES SOCIAIS.

Autores:

CAÍQUE APARECIDO BRITE, UNICAMP – IFCH

Prof. Dr. CHRISTIANO KEY TAMBASCIA (orientador), UNICAMP – IFCH

INTRODUÇÃO

Na Universidade Estadual de Campinas, as políticas de permanência historicamente exigidas pelo movimento estudantil mudaram a composição do corpo discente, permitindo a entrada de estudantes de baixa renda e do ensino público. Reconhecendo a disparidade no acesso à universidade entre alunos brancos, negros e indígenas, a greve estudantil de 2016 resultou nas cotas étnico-raciais, implementadas na graduação em 2017. Desde então, há a reserva de até 25% das vagas para candidatos autodeclarados pretos e pardos, além da criação do vestibular exclusivo para os membros de populações originárias (Coll, 2021). Atualmente, 46,9% dos alunos matriculados são provenientes de escolas públicas, além de um aumento de 22,4% para 33,1% no número de pessoas pretas, pardas e indígenas matriculadas (COMVEST, 2024, p. 309-310). A esse processo de inclusão somam-se as ações do movimento estudantil da universidade, principalmente através dos esforços coordenativos do Coletivo Anticapacitista Adriana Dias e do Núcleo de Consciência Trans para a adoção das cotas para pessoas PCD e trans, reivindicadas desde a greve de 2023. Levando em consideração o aumento no ingresso de estudantes das classes baixas, de pessoas negras e de integrantes de povos originários nas instituições de ensino, questiona-se o quanto suas condições sociais, econômicas, culturais, mas também raça, etnia, sexualidade e gênero influenciam nas suas capacidades de acessarem com igualdade de condições o ensino superior.

O sociólogo Pierre Bourdieu, na França dos anos 60 e 70, deparou-se com uma questão similar. De origem campesina, Bourdieu ascendeu no sistema educacional francês da época, incentivando-o a questionar quais as condições de acesso e permanência eram impostas pelas instituições educacionais de maior prestígio a estudantes de classes distintas. Para além dos meios financeiros e do ciclo social que permitiam (ou não) o ingresso nessas instituições, Bourdieu deparou-se com uma série de demandas de práticas simbólicas. Bourdieu classificou-as como capital cultural, conceito basal para a realização desta pesquisa.

É importante notar que o conceito possui um contexto próprio de aplicação quando usado pelo autor. Assim, Draelants e Ballatore (2021) e Nogueira (2021) realizam uma análise do conceito aplicado à sociologia da educação e sua validade perante as mudanças ocorridas nos aspectos culturais que passaram a constituir vantagens na vida acadêmica após os anos 2000. Ao mobilizá-lo com adequações teóricas influenciadas pelas mudanças do processo de educação num mundo globalizado e culturalmente distinto, os autores observaram a validade e

utilidade do conceito quando readaptado para as mudanças educacionais recentes. O trio constatou o aumento da importância dos capitais financeiro e social no campo acadêmico através de escolas particulares, aulas extracurriculares e intercâmbios, mas que ainda contém o cultivo do capital cultural como objetivo final (Draelants; Ballatore, 2021, p. 29-30; Nogueira, 2021, p. 11-12).

Ainda sobre estudos bourdieusianos contemporâneos, Holt (1997) observou a exigência de uma especificação teórica adequada às características sócio-históricas da população pesquisada, sendo necessários investigar a articulação do capital cultural nos campos de consumo através dos gostos particulares e das práticas de consumo que o compõe. Por sua vez, Skeggs (1998) compreende o espaço social como historicamente constituído através de disputas por meios e espaços. Diferentemente de Bourdieu, a consideração de raça e gênero mostrou-se fundamental ao trabalho da autora na forma como o capital se organiza e se valoriza.

Assim, partindo das reflexões de Pierre Bourdieu sobre educação e de estudos bourdieusianos contemporâneos, realizei uma investigação sobre capital cultural, entre diferentes estudantes do curso de Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, para compreender como classe, gênero e raça tem impactado de formas tensionadas a educação de nível superior. Assim, as intensas transformações das formas de acesso à universidade, com políticas públicas de cotas, é um processo cuja investigação permite analisar questões de ordem estrutural na redefinição de projetos pessoais no meio científico.

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou de um questionário estruturado e de uma entrevista semiestruturada para acessar narrativas sobre a experiência de estudantes universitários no contexto atual. A entrevista estruturada foi usada para averiguar as condições econômicas, sociais e culturais das famílias através do questionário de múltipla escolha, permitindo identificar a qual classe social pertencem. Posteriormente, a entrevista semiestruturada permitiu acessar as experiências em relação à educação dos participantes, a interação com instituições educacionais, as experiências culturais e acadêmicas dos alunos e suas trajetórias acadêmicas de forma mais ampla. A experiência acadêmica também foi observada através da atuação dos entrevistados em movimentos sociais ou político-partidários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bourdieu afirma que o capital cultural demanda uma validação oficial institucional para o seu reconhecimento em diversas posições do espaço social, principalmente no mercado de trabalho. Por isso, cabe à universidade atestar o volume e a legitimidade do capital global pertencentes ao agente. Contudo, considerar a alta cultura como parâmetro para definir o volume e legitimidade do capital cultural nas instituições de ensino típicas da década de 60 na França, como o fez Bourdieu, pode ser inadequado ao contexto atual. Assim, evidencia-se a necessidade da adequação sócio-histórica decorrente da complexidade dos parâmetros de consumo da sociedade capitalista atual, os quais dificultam sua mensuração, como dito por Holt (1997, p. 115). Soma-se a essa perspectiva o aumento da importância dos capitais financeiro e social no campo acadêmico através de escolas particulares, aulas extracurriculares e intercâmbios, atestados por Draelants e Ballatore (2021, p. 29-30) e Nogueira (2021, p. 11-12).

As mudanças sugeridas por esses autores fornecem pistas sobre o contexto sócio-histórico atual e as necessidades de adequação exigidas. Por isso, neste estudo, considerou-se a universidade como fortemente influenciada pela perspectiva neoliberal. Essa consideração implicou em considerar a instituição como focada no desenvolvimento técnico e tecnológico enquanto aliada às práticas corporativas e do grande capital. Consequentemente, a universidade se distancia de aspectos mais tradicionais do capital cultural e prioriza o cultivo de conhecimentos diretamente ligados ao mercado de trabalho, com menos relevância para a alta cultura. Por isso, numa tentativa de adequação ao contexto sócio-histórico, foi considerado como fator mais representativo do capital cultural do agente a familiaridade com instituições de ensino superior, considerando tanto o contato direto (através de visitas) quanto através de familiares.

Essa definição foi inspirada na pesquisa de Annette Lareau (2011). A socióloga estadunidense acompanhou as interações rotineiras entre os membros de famílias de classe média, trabalhadora e pobre com as escolas de seus filhos, identificando uma facilidade dos pais e crianças da classe média em interagir com as instituições educacionais, absorvendo delas os maiores benefícios em comparação às frações de classe abaixo. Por isso, inferiu-se que o contato prévio com o *habitus* e capital cultural adquirido em instituições de ensino superior pelos familiares desses agentes os possibilitou cultivar previamente as habilidades para lidar tanto com as demandas acadêmicas quanto desenvolver uma familiaridade com o curso antes mesmo de iniciá-lo. Em suma, esses agentes deveriam possuir as predisposições necessárias para apropriarem-se do ensino, além de estarem mais próximos da imagem social e as práticas legítimas associadas à perspectiva futura profissional e cultural a ela atreladas (Bourdieu, 2007, p. 28-29).

Além disso, é importante ressaltar que a observação do espaço social realizada pelo pesquisador e as classificações que utilizou na construção desta representação advém de uma posição específica nesse mesmo espaço social, a qual pode ser igualmente classificada (Bourdieu, 2007, p. 162-166). Por isso, as categorizações que nortearam essa pesquisa surgiram a partir da experiência de um homem cis, branco e heterossexual de classe baixa, numa vivência universitária dependente das políticas de permanência precárias da universidade e atravessada pela experiência de um bairro de classe média alta com poucos recursos financeiros. Sendo a percepção do mundo social decorrente da divisão em classes sociais e de propriedades intrínsecas e relacionais relativas à posição ocupada numa dinâmica de distinções entre tais posições, tais categorizações possivelmente tiveram como objetivo reforçar as diferenças do caráter relacional da posição no espaço social ocupada pelo pesquisador. Daí parte-se para os resultados obtidos através das entrevistas.

Sobre a experiência de leitura e escrita nas ciências sociais, ela é vista pela maior parte dos entrevistados como inicialmente complexa e de difícil adaptação. Há a exceção de dois entrevistados, opostos na hierarquia de capital cultural. O primeiro teve um ensino de leituras acadêmicas durante o ensino médio e o segundo não declarou dificuldades na escrita e leitura, embora desgostasse da escrita acadêmica, justificando seu desgosto por tal escrita com referências e posicionamentos relativamente complexos e altamente acadêmicos.

Todos os entrevistados almejam ter uma carreira acadêmica de pesquisa e/ou docência. Em relação a carreira menos desejada, apesar das respostas distintas, houveram quatro entrevistados que afirmaram prontamente não desejarem trabalhar na iniciativa privada. A opção pela carreira, atravessada em alguns por posicionamentos políticos críticos ao uso das ciências sociais em prol da iniciativa privada, demonstra que a

validação institucional da competência do indivíduo nas ciências sociais é considerável (Bourdieu, 1973, p. 96-99). A disposição dos alunos pelo investimento no mercado acadêmico (aliada à precariedade e escassez de empregos na área) assegura a importância da jurisdição da universidade, mantendo a capacidade do sistema de ensino em impor a relevância de seu valor e de seus reconhecimentos acadêmicos.

A escolha do curso e do bacharelado estão intimamente relacionadas com a experiência acadêmica anterior a universidade. Aqueles que vivenciaram contextos com maior familiaridade acadêmica mostram escolhas mais diretas em relação ao curso e bacharelado. Há a demonstração de um conhecimento prévio sobre essas áreas, adquirido através do ensino básico e pesquisas autônomas, assim como conhecimentos tangenciais, incluindo experiências de atuação política. Aos demais, essas decisões adquirem um caráter menos assertivo e ligeiramente abstrato. Entretanto, ainda mobilizam experiências marginais que, embora não sejam estritamente acadêmicas, constituem fatores fundamentais nessas decisões. A experiência de pais como professores de ensino público, oficinas populares de arte e o programa de férias para estudantes do ensino médio da Unicamp são exemplos.

Outra tendência observada foi a expectativa de uma prática política ativa. Ou seja, militar ou atuar politicamente para além da prática acadêmica aparenta ser uma ação esperada no instituto. Isso indica a atuação política-social como uma provável exigência como um atributo estatutariamente associado. Em suma, uma prática dotada de legitimidade e esperada dos estudantes a partir da imagem social da posição acadêmica e cultural projetada pela instituição.

Sobre os temas de pesquisa, há uma relação direta entre os interesses de leitura, as áreas preferidas, os temas de pesquisa (quando realizadas) e a atuação militante. Em quase todos os casos, todas essas categorias são interconectadas, independentemente da posição da hierarquia de capital cultural. Integram o cotidiano de suas atuações acadêmicas, militantes e de pesquisa aspectos da vivência dos entrevistados como mulheres cis, pessoas trans, estudantes de escolas públicas e dependentes das políticas de permanência da universidade, incluindo também a influência do capital cultural dos pais de alguns entrevistados que suscitaram neles o interesse por questões relativas a movimentos sociais. Aqui, gênero e sexualidade, embora não constituintes do capital cultural dos sujeitos, estabelecem-se como condições organizacionais e valorativas do capital cultural, tal qual citado por Skeggs (1998, p. 8-12).

CONCLUSÃO

Embora pertencer a classe baixa, frequentar escolas públicas e depender das políticas de permanência da Unicamp caracterizem uma posição inferior no espaço social bourdieusiano, os estudantes entrevistados mobilizam tais condições como formas de resistência à deslegitimação do poder simbólico e às proibições de conversões do capital cultural. Contrariamente à aceitação das imposições de legitimidade e capital cultural da instituição, eles disputam a legitimidade acadêmica do próprio capital. Em questões de raça e gênero, tanto sobre feminismo quanto transexualidade, o interesse acadêmico é guiado a partir dessa interseccionalidade. Por fim, a perspectiva da atuação política sobre esses temas é indicativo do esforço em organizar o capital cultural acadêmico em prol da valorização dessas pautas e da possibilidade de desafiar os pressupostos hetero e cisnormativos e de branquitude estabelecidos na academia.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. A distinção. São Paulo: Edusp, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Cultural Reproduction and Social Reproduction. In: BROWN, Richard. Knowledge, Education, and Cultural Change. 1. ed. Londres: Routledge, 1973. p. 71-112.
- BOURDIEU, Pierre. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J. Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education. Westport, CT: Greenwood, 1986. p. 241-258.
- BOURDIEU, Pierre. The Social Space and the Genesis of Groups. Theory and Society, [s.l.], v. 14, n. 6, p. 723-744, nov. 1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/657373>. Acesso em: 09 out. 2021.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 dez. 2021.
- COMVEST. Anuário Vestibular 2023. Campinas: UNICAMP, 2024. Disponível em: https://www.comvest.unicamp.br/wp-content/uploads/2024/02/ANUARIO_comvest2023_jan2024_2401_Final.pdf. Acesso em: 29 julho 2024.
- DRAELANTS, Hugues; BALLATORE, Magali. Tradução: Capital cultural e reprodução escolar: um balanço crítico. In: PIOTTO, Débora C.; NOGUEIRA, Maria Alice. Um balanço do conceito de capital cultural: contribuições para a pesquisa em educação. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 47, e470100302, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022021470100302>. Acesso em: 22 set. 2021.
- HOLT, Douglas B. Distinction in America? Recovering Bourdieu's theory of tastes from its critics. Poetics, v. 25, n. 2-3, p. 93-120, 1997.
- INEP. Censo da Educação Superior 2022. Brasília: 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 29 julho 2024.
- LAREAU, Annette. Unequal Childhoods: Class, Race, and Family Life. 2. ed. [s.l.]: University of California Press, 2011. ISBN 978-0-520-27142-5.
- NOGUEIRA, Maria Alice. O Capital Cultural e a Produção das Desigualdades Escolares Contemporâneas. Cad. Pesqui., São Paulo, v. 51, e07468, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053147468>. Acesso em: 22 set. 2021.
- SKEGGS, Beverley; CREESE, Gillian. Formations of class and gender. Labour, n. 42, p. 299, 1998.